

OPINIÃO

O Apocalipse dos Patches Já Começou: Estas Três Desculpas de TI Não Funcionam Mais

Chris Goettl (*)

A gestão de patches está entrando em uma nova era. Para muitas equipes de TI e cibersegurança, o desafio já não é apenas detectar vulnerabilidades, mas reagir rápido o suficiente antes que elas sejam exploradas.

O gatilho ocorreu em 7 de abril, quando a Anthropic anunciou que seu modelo de IA Claude Mythos Preview identificou autonomamente milhares de vulnerabilidades críticas e de dia zero nos principais sistemas operacionais e navegadores do mercado. Mais de 99% permaneciam sem correção no momento da divulgação.

Duas semanas depois, em 21 de abril, a Mozilla confirmou que utilizou o mesmo modelo para encontrar e corrigir 271 vulnerabilidades na versão mais recente do Firefox. A própria avaliação da empresa foi direta: Até agora, não encontramos nenhuma categoria ou complexidade de vulnerabilidade que humanos consigam identificar e que este modelo não consiga.

Chamemos isso pelo que realmente é: um apocalipse dos patches — do tipo operacional, em que o volume e a velocidade das vulnerabilidades públicas com patches disponíveis estão prestes a ultrapassar a capacidade de resposta da maioria das equipes de TI e segurança.

O NIST já está sentindo o impacto

O relatório CrowdStrike 2026 Global Threat Report já havia documentado um aumento de 89% ano após ano nos ataques habilitados por IA em 2025 — antes mesmo de modelos como o Mythos entrarem em cena.

Ao mesmo tempo, o NIST — a agência do governo dos Estados Unidos responsável pelo banco de dados global de vulnerabilidades conhecidas — anunciou que não consegue mais processar tudo o que recebe. As submissões cresceram 263% e a agência tomou uma decisão sem precedentes: daqui para frente, analisará em detalhes apenas as vulnerabilidades que atendam aos critérios de alto risco. O restante ficará sem avaliação oficial. É a primeira vez que o sistema criado para manter o registro global de ameaças admite que o volume superou sua capacidade.

O que muitas organizações assumem que já está resolvido

Muitas organizações acreditam que já estão protegi-

das: possuem scanners de vulnerabilidade, processos de aprovação e ferramentas de gerenciamento de dispositivos. O problema é que nenhuma dessas peças fecha o ciclo sozinho. Scanners detectam e listam — não implantam nem verificam. Processos de aprovação baseados em tickets, criados para outra velocidade operacional, geram gargalos que agora se estendem por semanas. E ferramentas de gerenciamento de dispositivos possuem limitações de cobertura que deixam de fora servidores, endpoints de terceiros e aplicações fora de seu ecossistema. Com janelas de exploração agora medidas em horas, essas lacunas deixaram de ser detalhes operacionais — tornaram-se risco acumulado.

O Que Realmente Fecha o Ciclo

A resposta não é substituir o que já existe — é conectá-lo com automação capaz de fechar essas lacunas. Na prática, isso significa três coisas:

Prioridade baseada em risco, não em calendário.

Vulnerabilidades ativamente exploradas não podem esperar pelo ciclo mensal. Navegadores, aplicativos de comunicação e sistemas de usuários finais vêm primeiro. Todo o restante segue o cronograma regular.

Implantação em etapas com rollback automático.

Comece com um pequeno grupo, expanda para um grupo maior e depois faça a implementação para todos. Quando há uma vulnerabilidade ativa, esse processo precisa ser reduzido de semanas para dias. E, se algo falhar, o sistema deve reverter automaticamente.

Um patch só conta quando sua instalação é confirmada.

A maioria das equipes encerra o problema quando o patch é aprovado. O risco só termina quando se verifica que ele chegou a todos os dispositivos — sem essa confirmação, a evidência de conformidade se transforma em crise antes de cada auditoria.

Seu programa de patching está preparado?

Se uma vulnerabilidade crítica de dia zero surgir na próxima sexta-feira à tarde, por exemplo, sua equipe conseguiria remediá-la completamente antes de segunda-feira?

Meça desde o momento em que o alerta é publicado até o instante em que o último dispositivo esteja protegido. Se isso leva semanas, o apocalipse dos patches já encontrou você.

(*) VP de Gestão de Produtos para Soluções de Segurança na Ivanti.

Governo Trump investe em computação quântica

Depois de adquirir participações em fabricantes de chips e mineradoras de terras raras, o governo Trump volta sua atenção para outro setor estratégico: a computação quântica.

Vivaldo José Breternitz (*)

Em meados deste mês, o Departamento de Comércio anunciou um aporte de mais de US\$ 2 bilhões em nove empresas da área. Em troca, o governo receberá uma “participação minoritária, sem poder de controle” em cada uma delas.

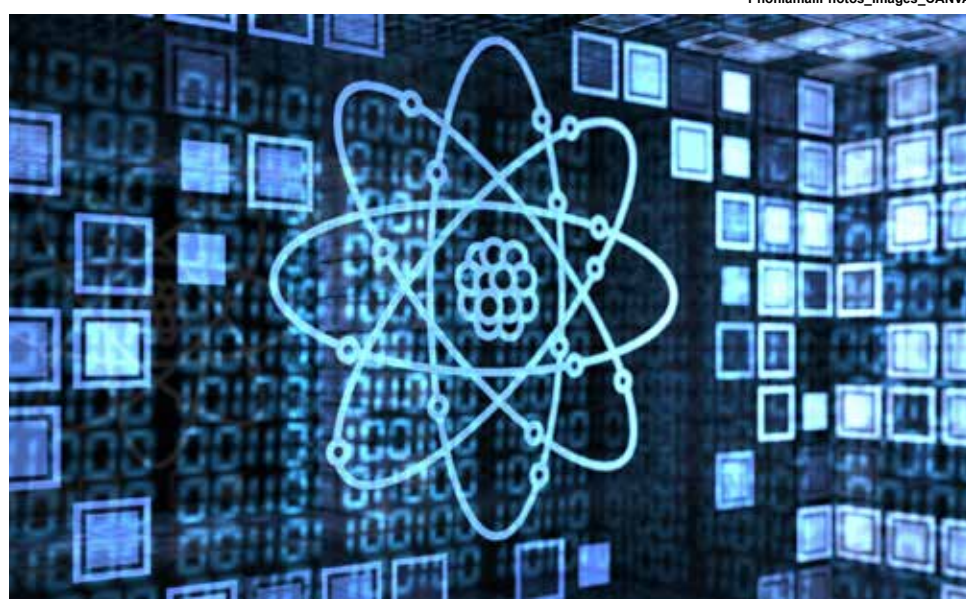
Os computadores quânticos, tecnologicamente completamente diferentes dos computadores atuais, têm potencial para revolucionar diversas indústrias; embora já existam protótipos em funcionamento, especialistas afirmam que a tecnologia ainda está distante de atingir sua maturidade.

Do ponto de vista dos usuários, sua altíssima velocidade é a característica que mais os diferencia dos supercomputadores atuais.

Essa característica poderia ajudar a expandir os limites atuais do conhecimento científico, por exemplo, abrindo caminho para descobertas na área da saúde que levariam décadas em condições normais.

Mas também há riscos: máquinas quânticas poderiam quebrar todos os atuais sistemas de criptografia, ameaçando todo o mundo digital, trazendo o caos à sociedade, o que aconteceria no que vem sendo chamado “Q-Day”. Há divergências sobre quando esse dia chegará: o Google estima que poderá ser já em 2029, enquanto outros pesquisadores acreditam que ainda levará algumas décadas.

Ao falar sobre os investimentos do governo americano, o Departamento de Comércio destacou o potencial da tecnologia para



PhonlamailPhotos_Images_CANVA

o desenvolvimento de novos materiais, biofármacos e sistemas energéticos, além de suas “implicações significativas para a defesa nacional”.

Metade do investimento será destinada à IBM; outras empresas receberão investimentos menores, dentre as quais a PsiQuantum, que tem como investidor o fundo 1789 Capital, de Donald Trump Jr. Esse fato já foi alvo de questionamentos de senadores democratas.

A intervenção direta em setores estratégicos tornou-se marca da administração Trump, que busca fortalecer indústrias consideradas vitais para a segurança nacional e a competição com a China. A estratégia começou em agosto passado, quando o governo se tornou o maior acionista da Intel, com 10% de participação. Logo de-

pois, foram anunciados investimentos em mineradoras de terras raras, incluindo a startup Vulcan Elements, também apoiada pelo fundo de Trump Jr.

Quanto ao Brasil, o avanço americano na computação quântica coloca-nos diante de um dilema: correr para não ficar muito para trás ou aceitar uma posição periférica na nova ordem tecnológica — é algo similar ao que vem acontecendo com a inteligência artificial.

Para que possamos nos inserir nesse jogo, precisamos de visão estratégica e investimentos consistentes, o que, convenhamos, tem sido raro no Brasil.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitiz@gmail.com.

A IA e a programação além do código

A Inteligência Artificial tem transformado rapidamente o desenvolvimento de software e ampliado os debates sobre o futuro da programação e o papel do programador. Ao longo dos anos, diferentes tecnologias surgiram como possíveis substitutas do desenvolvimento tradicional. Primeiro vieram as plataformas *low-code*, com componentes prontos e menor necessidade de escrita manual. Depois, o conceito de *no-code* ampliou essa proposta, permitindo a criação de aplicações por meio de interfaces visuais e automações simplificadas.

Com a popularização das IAs generativas, ganha força o chamado *vibe coding*, em que desenvolvedores utilizam prompts para que a IA gere aplicações e funcionalidades completas. Essas ferramentas representam um avanço importante em produtividade e acessibilidade.

No entanto, programar nunca foi apenas escrever código. Desenvolver sistemas envolve arquitetura, segurança, escalabilidade, performance e boas práticas. Uma IA



Lucas Matheus Peres Morais - docente do Senac Tech

pode gerar funcionalidades rapidamente, mas isso não significa que o sistema esteja preparado para lidar com crescimento de usuários, manutenção ou vulnerabilidades.

Nos últimos anos, aumentou a quantidade de aplicações desenvolvidas sem critérios técnicos adequados, resultando em sistemas frágeis e problemas de

segurança. Isso acontece porque criar soluções confiáveis exige análise, planejamento, conhecimento técnico e visão de longo prazo.

Assim como uma construção precisa de planejamento estrutural para ser segura e sustentável, sistemas também dependem de arquitetura e decisões técnicas bem definidas. Muitas aplicações conseguem atender necessidades iniciais, mas, sem uma base sólida, tornam-se difíceis de evoluir.

Nesse contexto, a formação de novos programadores se torna ainda mais importante. As ferramentas evoluem constantemente, mas fundamentos como lógica, banco de dados, segurança e boas práticas seguem essenciais. Mais do que aprender a utilizar IA, os profissionais precisarão desenvolver pensamento crítico para entender problemas, validar soluções e tomar decisões com responsabilidade.

(Fonte: Lucas Matheus Peres Morais - docente do Senac Tech)

News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Sony leva tecnologia audiovisual para a Church Tech Expo 2026

A Sony participa da edição 2026 da Church Tech Expo que acontece nos dias 27 e 28 de maio, no Pro Magno Centro de Eventos, em São Paulo. A marca levará ao público a primeira exibição da nova câmera Alpha 7R VI no Brasil e apresentará soluções integradas para captação, transmissão e produção audiovisual voltadas ao segmento religioso. Reconhecida globalmente por suas soluções de imagem e produção audiovisual, a Sony apresentará um ecossistema completo de tecnologias para produção de conteúdos ao vivo, streaming e gravações, acompanhando a crescente demanda de igrejas e instituições religiosas

por experiências mais imersivas e transmissões com qualidade profissional (<https://churchtechexpo.com.br/evento/church-tech-expo-2026/>).

Fujifilm lança Instax mini LiPlay+

Para aqueles que querem guardar lembranças além da foto, a Fujifilm, líder mundial em imagem, produtos e serviços fotográficos, anuncia a chegada da nova Instax mini LiPlay+. A novidade combina fotografia instantânea com registros de áudios, de até 10 segundos, acessados por QR Code impresso direto na foto, além de câmera frontal para selfies e integração com smartphones, ampliando as possibilidades de registrar e compartilhar memórias de forma mais interativa e emocional.

Empresas & Negócios
José Hamilton Mancuso (1936/2017)
Responsável: Lilian Mancuso

Editorias
Economia/Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/
Espaço empresarial: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br);
Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

ISSN 2595-8410

José Leonil Lobato (1939-2026)

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.